

SKATISTAS STREET: ENFRENTANDO AS INCERTEZAS E CONSTRUINDO CONHECIMENTOS

MS. MARIA REGINA M. COSTA;
FAMATH; PPGEF/UGF; RJ/Brasil

ayelqina@terra.com.br

DRA. VERA L.M.COSTA.
UNIRIO;RJ/Brasil

veralmc@globocom.com

MS. EDUARDO RODRIGUES DA SILVA;
PPGEF/UGF; RJ/Brasil

prof.eduardorodrigues1@hotmail.com

Atualmente, observa-se um crescente número de praticantes dos esportes de aventura e risco, no qual o inusitado é revelado de acordo com as informações manifestadas pelo ambiente, seja na natureza ou no meio urbano. Parece que os praticantes dos esportes de risco calculado, formam laços entre si, mais pelo afeto do que pelo contrato, elaborando relações por um processo complexo de atrações, de repulsões, de emoções e de paixões (Maffesoli, 2001). Essa socialidade busca a centralidade subterrânea em que prevalecem as relações com o meio ambiente e com o outro social.

A prática desses esportes suscita nas pessoas viagens que transitam no imaginário heróico do esportista moderno.

Este estudo trata do *skate street*, que é a modalidade que mais cresce no mundo pela facilidade das manobras serem no chão ou em obstáculos encontrados nos espaços urbanos. Essa é uma prática de *skate* que, deslocando-se pelo espaço da cidade, deslizando por ruas e calçadas, saltando sobre escadas, bancos, corrimãos, suscita a criatividade e o improviso do praticante, pois ele terá que buscar seus obstáculos naqueles existentes no caminho, ou adaptá-los em pequenas rampas de madeiras retiradas de tapumes e caixotes encontrados pela cidade.

Essas práticas espalharam-se pelo mundo, recebendo adesão do público juvenil e caracterizando-se como um estilo de vida. Percebe-se que essa expansão se dá de forma autônoma sem intervenção específica de instrução/aprendizagem em escolas, de forma tradicional. Fica para nós a indagação de como esses praticantes disseminam a aprendizagem dessa prática, qual o método adotado e como tal movimento poderia se tornar fonte inspiradora de uma educação planetária.

A juventude, taxada de irreverente, irresponsável ou improdutiva parece desfrutar de um descrédito na expectativa imaginária da sociedade moderna. Esses preconceitos geram ações rebeldes que dificultam a absorção do conceito de cidadania. Mas a juventude também traz consigo, além dos dilemas, os sonhos, os desafios, as incertezas e os anseios quanto o futuro, que são próprios do período transitório para a maturidade. Eles vão formando grupos, e procuram o convívio das suas “galeras” independentes da classe social a que pertencem.

O *skatista street* aprende a ler e a criar os próprios obstáculos, tomando decisões rápidas em ação, arriscando-se em manobras carregadas de incertezas para superá-las. Bernstein (1997) diz que o risco está em suas conseqüências, e o elemento aleatório é comum, num sistema que depende de previsibilidade e probabilidade. Jogando com o inusitado, esses jovens enfrentam os desafios do espaço da rua no seu cotidiano.

Esses sujeitos adotam o método como o desdobramento de estratégias aleatórias de aprendizagem e de domínio corporal sobre um objeto que se desloca deslizando pelas ruas propiciando prazeres vertiginosos. Tirando proveito de seus erros durante o funcionamento das manobras corporais e com o skate, o skatista adota o pensamento de Bachelard no qual o método de aprendizagens não existe fora das condições vivenciadas pelo sujeito, ensinando-os a aprender o convívio com as incertezas. Segundo Morin, Ciurana e Motta (2003), para que

isso aconteça este esportista precisa de estratégia, iniciativa, invenção e arte para estender o prazer de seus desafios. E isso esses atores fazem com maestria. Acostumados à incorporação do erro como fonte de evolução do próprio desempenho, o skatista abraça-o como norma. Vivenciada como aventura, a prática do *skateboard* parece suscitar entre os jovens praticantes sentidos lúdicos que facilitam a convivência dos sonhos e dos heróis que habitam seus interiores. Deparam-se com a arte e a estratégia no pensamento complexo unidas à *alea* (o imponderável), ao *ilinx* (à vertigem), ao *agon* (à competição) e à *mimicry* (ao simulacro) de Caillois (1990). Essa aventura no asfalto representa uma ruptura com os interditos e o engajamento no desconhecido, passando de um mundo familiar a um mundo estranho, levando os atores ao enfrentamento de incertezas, à imprevisibilidade do que pode acontecer. E é isso que parece seduzí-los e envolvê-los. A aventura, para esses jovens *skatistas*, remete à incerteza, aos desafios próprios da idade, levando-os à prática de esportes nos quais esses fervilamentos, turbulências, sensações corporais de vertigem estão presentes.

O estudo está orientado na busca de três objetivos (a) investigar os sentidos de aventura, risco e vertigem que se apresentam nos discursos de jovens *skatistas* da modalidade *street*, praticada como lazer; (b) evidenciar os elementos simbólicos e míticos que emergem desses discursos; e (c) debater o método de aprendizagem desses *skatistas*. Foram entrevistados 12 praticantes masculinos de *skate street* da cidade do Rio de Janeiro, todos com idades compreendida entre 14 e 21 anos, utilizando-se um roteiro semi-estruturado, interpretado pela análise discurso de Orlandi (1987, 2001).

Encontrados pelas ruas e praças deslizando com seus carrinhos, eles vão buscando, com arte, pilotar outros caminhos, auto-eco-organizando-se, tratando as informações culturais em suas múltiplas dependências, construindo organizações autônomas de aprendizagem. As praças são espaços que os skatistas jovens se apropriam para a prática do skate. Algumas, dotadas de um ar bucólico, parecem com as praças de antigamente. Essa tranquilidade do local é quebrada pelo aparecimento dos jovens *skatistas*, pelo barulho das suas rodinhas no chão, dos saltos marcando as habilidades dos seus corpos ainda meninos, transformando em palco de grandes atores exibindo seus corpos infantis e às vezes quase musculosos e adultos, fazendo mirabolantes manobras para um público imaginário, exibindo dessa maneira as suas habilidades. Profanam as imagens de outrora, outorgando-lhes outros sentidos, talvez tão sacralizados quanto os anteriores.

Os *skatistas* parecem obedecer a uma ordem sem pré-definição de prioridades. Organizados segundo uma associação complexa, seus deslocamentos e manobras incluem a dialógica da ordem/desordem/organização. Deslizam, saltam, se equilibram, complementam/concorrem/antagonicamente seus corpos no ar em perfeito entrosamento com o skate que se movimenta. O importante para o grupo é que aquele cenário não fique esperando por muito tempo outro ator entrar em cena. A entrada, as manobras e a saída do cenário parecem ser cronometradas numa lógica ilógica das prioridades.

Quando deslizam ao longo das ruas esses atores sequer tomam conhecimento da grande confusão de carros e passantes nas ruas das grandes cidades, que, sempre com pressa, não dão a menor atenção aos jovens incógnitos que mostram seus corpos sarados ainda infantis onde a exibição pessoal da grande performance é o grande desafio. Parece ser esta a característica do *street*; cenários que se criam e desaparecem de acordo com o desejo dos *skatistas*. O inesperado é a lógica de organização do conhecimento desses atores. Eles, como artistas plásticos, dão forma e sentido aos obstáculos das ruas, integrando-se em sua paisagem e retirando-se ao final de cada ato de suas apresentações.

Ao que parece, todos são donos de um pedacinho desse palco que, ao ser montado e com a entrada dos atores em cena, torna-se o cenário de uma epopéia digna dos heróis que lutam com dragões e, ao vencê-los, exibem suas cabeças, triunfantes, para que todos sejam testemunhas de suas bravuras. Os *skatistas* formam uma seqüência na apresentação das

manobras: primeiro, adquirem impulso em torno da quadra, para terem velocidade; depois, entram na seqüência pirâmide, *quarter pipe*, banco ou corrimão.

Assim, esses jovens mergulham nesse universo imaginário dos heróis, transgridem os espaços estabelecidos e emergem das profundezas para a glória de serem heróis ao menos por alguns instantes, ao acertarem as manobras criadas. Depois, o pano cai e eles desaparecem no fundo do palco, sem serem vistos por algum tempo, para retornarem em outra apresentação.

As grafitagens parecem estar ligadas aos *skatistas*. Elas estão inscritas nos *shapes* dos seus *skates*, assim como na parede lateral da pista, como obras de arte, ilustrando o cenário do artista. Estes grafites quase sempre têm como motivo inspirador a imagem de manobras, ou jovens carregando os *skates*.

Esses jovens não seguem uma ordem estabelecida, mas existe uma sincronia nos bailados das acrobacias, tudo numa perfeita harmonia. O que pode ser reforçado por Uvinha (2001), quando diz que "*pistas e ruas constituem espaços privilegiados para o exercício de valores, significados e regras*" (p.38). Neste sentido, os jovens que disputam um lugar para as suas práticas de *skate* adquirem autonomia numa dinâmica crítico-reflexiva na convivência com a tribo, através do respeito às regras convencionadas – não as regras instituídas pela sociedade, mas pelas relações com o grupo.

Para esses jovens, arriscar-se em manobras traz a sensação de um prazer extraordinário, experimentada na vertigem (*ilínx*). Eles se apresentam como os "novos arquitetos" urbanos, que, com seus modos displicentes e arrojados, surgem como arquitetos de idéias. Com as suas aventuras, vão engendrando caminhos, construindo obstáculos, vendo a cidade como uma amante pronta para abraçá-los, mostrando-lhes as curvas e as linhas desse espaço repletas de incertezas e mistérios. Suscitados por novos desafios, vão-lhe ao encontro com seus carrinhos. Com esse modo de viver esses jovens vão ressignificando o espaço público, criando lugares, revitalizando a modernidade, desenvolvendo outros olhares, recriando a cidade na vivência dos deslizamentos de suas aventuras.

A aventura e o risco se manifestam nos discursos com sentidos de exploração do espaço e de vertigem. As sensações de medo/prazer surgem quando exploram o espaço urbano da cidade. O desconhecido os desafia, provoca medo e, ao mesmo tempo, remete-os ao prazer inigualável que é conferido ao elemento radical. Essas sensações também são conferidas quando os *streeters* criam outros modos de usar os obstáculos para as manobras, suscitando-lhes o aspecto lúdico nessas criações. Qualquer coisa, qualquer obstáculo pode provocá-los na rua: uma mureta, um banco, uma pessoa que passar, alguns degraus da entrada de um edifício, o corrimão de uma escada, tudo pode se tornar, aos seus olhos e à sua vontade, um objeto lúdico. A inspiração desses atores para aprender a partir da própria experiência, incorporando em suas construções as incertezas e as informações ambientais, articula uma constante autocrítica com a organização do conhecimento e com a poesia da vivência humana com seus ritos e mitos.

A trajetória desses jovens está impregnada das manifestações de Dioniso ao atingirem o êxtase em suas manobras radicais, podendo sair de si, num estado de semiconsciência próprio da condição humana. O entusiasmo, as transgressões vividas nas falas desse atores colocam em evidência a penetração do mito de Dioniso manifestado como estilo de vida. Vagabundeiam pela terra, mas estão voltados para o céu, para a liberdade.

Esses atores reinventam e renovam a cada momento a complexidade de suas ações. Compreender-lhes os métodos de aquisição da aprendizagem e da experiência é encontrar elementos construtivos de errância, incertezas e de esperança para uma orientação educacional planetária por meio de vivências de vida cotidiana.

REFERENCIAS:

BACHELARD, G. (1984). O novo espírito científico. São Paulo: Abril Cultural (Coleção os Pensadores).

COSTA, M. R. de M. Aventura e risco no skateboard – street: um estudo do imaginário social de jovens skatistas. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF, 2004.
MAFFESOLI, M. (2001). Elogio da razão sensível. 2. ed. Petrópolis: Vozes.
MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. UNESCO. São Paulo: Cortez, 2000.
MORIN, Edgar, CIURANA, Emilio R., MOTTA, Raul D. Educar na era planetária: O pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana. São Paulo, Cortez; Brasília, DF, UNESCO, 2003.
ORLANDI, E.P. (1987). A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. Campinas: Pontes.
_____. (2001). Análise do discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes.

Maria Regina de Menezes Costa
Rua Domingos Ferreira 171/208
Copacabana CEP 22050-011
Rio de Janeiro – Brasil
ayelgina@terra.com.br